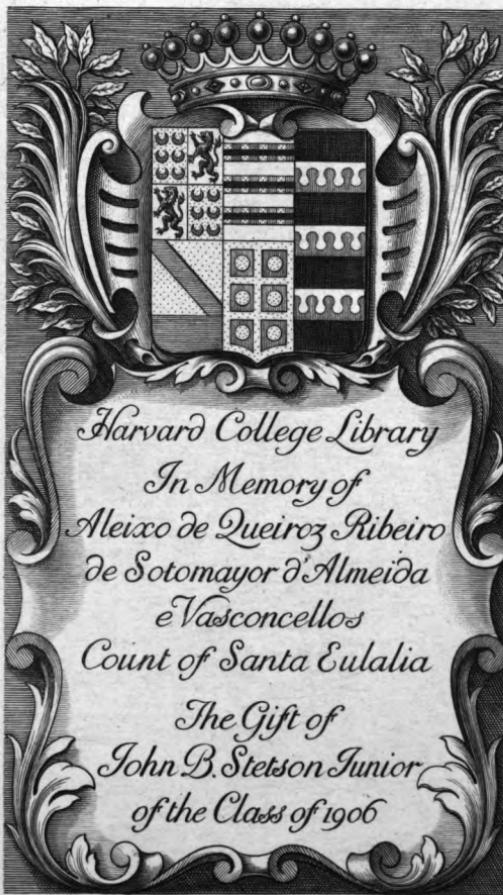


Port
G92
26.656

WIDENER



HN YZXW 2



3475 ORAÇÃO FUNEBRE
RECITADA
NAS EXEQUIAS DO MUITO ALTO, E PODEROSO

SENHOR D. JOÃO VI.

IMPERADOR DO BRAZIL, E REI DE PORTUGAL E ALGARVES,

CELEBRADAS NA SANTA SE^E DO PORTO

PELO ILL^{MO} SENADO DA CAMARA

EM 27 DE ABRIL DE 1826,

POR

IGNACIO JOSE' DE MACEDO,

Professo na Ordem de Christo, Prégador Regio, Professor de Filosofia etc.



PORTO 1826:



Typ. á Praça de S. Tereza. (Com Licença.)

Port 692.26.656

Exaltatus sum, humiliatus sum, et conturbatus.

Psalm 87.

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Volui nequaquam abuti potentiae magnitudine, sed clementia et lenitate gubernare subjectos.

Eu não quiz abuzar da grandeza do poder: eu quiz governar com espirito de clemencia, e mansidão.

Palavras do L. de *Esther*. Cap. 13.

A verdade sempre rara ao pé dos Thronos he sempre certa ao pé dos Tumulos. Alli he que ella pousa em magestoso assento; e dali manda lições austéras, que introduzem os raios da evidencia por entre as nuvens da illusão.

Ah, e quanto he ella eloquente, e terrivel quando trôa sobre os Tumulos dos Reis da terra!

No meio deste apparato funebre, aonde a morte batendo as negras azas vem ostentar os seus trofeos: ao som dos lúgubres lamentos, que a Religião, e a saudade intâo no Sanctuario, o meu espirito se consterna na amargosa lembrança do seu pada. Aqui as magnificencias do Seculo passão dante dos meus olhos como o clarão do relampago, que se desvanece no mesmo instante em que brilha. A vida se me afigura hum sonho; e a minha alma cheia de desenganos não vê senão a Eternidade, e o Tumulo. Não vê senão a Deos em o seu Thro-

A 2

no immutavel , a morte atirando com igualdade a sua souce , e a terra reclamando inexoravel o pó que della sahio; ou fosse pó , que o Destino levou ao Solio , ou pó que o Destino nunca ergueo da Cabana.

Huma Corda cahida , huma Purpura rasgada , e hum Escudo em pedacos me ensina , que só Deos he Grande , e que a sua grandeza nunca apparece com maior pompa que na morte daquelles a quem o sacro direito da prescripção tem dado o Titulo de Grandes.

A pezar porém destes pensamentos tão graves , que me sepultão , e me fazem vêr tudo em os abismos do nada , a minha alma reverdece , e salta com recrescido vigor por entre as sombras da morte quando a Religião me chama , e me diz com doce riso nos labios -- a memoria do justo he sempre viva. A virtude tem fóros de Divindade : hum privilegio eterno não a consente morrer , e para elle não ha Sepulcros no Mundo. --

Então , ó morte , a tua victoria he quiméra , como dissera o Apostolo ; e a tua souce não tem guame para cortar os aureos fios da têa , que a graca do Ceo tecéo , e que a virtude bordou.

Merreo porque era homem : mas ainda vive porque foi justo. E quem ? Quem nos falta , e nos consterna ?

Illustrissimo e magoadissimo Senado , que cumpres hoje o mais doloroso dever em representar a consternação , e a dôr de huma Cidade tão fiel , como briosa na vida , e na morte dos seus Mo-

narchas: Respeitavel, e luctuosa Assembléa... O Muito Alto, e Poderoso Senhor D. JOAÕ VI. já não existe! O Imperador do Brazil, e Rei de Portugal, e Algarves... morreu.

Mas desappareceo de entre nós como estrella errante, que sempre deixa no seu rasto os brilhantes vestigios da sua gloria. Hum Rei Justo não vai todo á Sepultura: e a pesada mão do tempo que o arrebata dos nossos olhos, não pôde derrubar os eloquentes padrões, que elle deixou erguidos á memoria do seu Nome.

Mas basta de predispor hum Auditorio, que por si mesmo se previne, e que não carece de ensinantes exordios quando se trata de applaudir o Bem, ou de carpir o Mal da Patria.

Eu torno ás palavras do meu thema; e parafraseando os pensamentos que elles involvem, desempenharei o triste dever de que a Religião, e a verdade nos incumbe, quando nos manda no Livro da sabedoria que louvemos aquelles que forão Grandes, e Gloriosos no meio da sua Nação -- *laudemus viros gloriosos in generatione sua.*

Eu não quiz abusar da grandeza do meu poder: eu quiz governar com espirito de clemencia, e mansidão. Estas palavras extrahidas dos livros santos forão tão suspeitosas na bôca de Assuero quanto são ingenuas, e propriissimas nos Labios do Grande Monarca por quem eboramos. Ellas explicão a essencia do seu caracter: ellas formão de hum só rasgo o seu louvor; e eternisão nos luctuosos Fastos da Monarquia o seu por infeliz, e virtuoso sempre memoravel Reinado.

A ninguém te dado julgar os Reis em quanto empunhão o Sceptro, porém cabidos do Throno vai com elles ao Sepulcro esta sagrada isençâo. Em cima dos Tumulos julgavão os Egypcios os seus Monarcas: alli exaravão o seu imparcial Epitafio com a mão da execração, ou da saudade; e remetiaão á posteridade a sua memoria para ser eternamente, applaudida, ou detestada.

Eu não receio neste momento imitar aquele antigo estílo, assentando-me em cima do Tribunal da morte para julgar hum Rei de quem já não temo que temer, nem que esperar. O Epitafio que lhe consagrô no Tumulo são as palavras do meu thema. Ellas são a sua sentença definitiva; e nem a Idade presente, nem as futuras Idades me poderá desmentir no anuncioado deste Processo -- Elle não abusou da Grandeza do seu Poder; Elle Rei nou com espirito de clemencia, e mansidão.

Elle existio nas crises mais violentas da Nação, e de todo o Orbe Politico. Os Seus Dias forão noites de calamidades, e dissabores. Mas não confundamos o Imperio do homem com o Imperio das circunstâncias; e não attribuamos ao Rei o que só era Obra do tempo.

Ninguem foi mais digno do Throno que *Marco Aurelio*, e *Antônio*. A piedade, e a Filosofia rei nou em pessoa naquelles dous Principes, por quem a virtude ainda obora; porém o Imperio Romano tinha os alicerces minados; elle devia cahir debaixo da sua mesma grandezza; o seu mal, na frase do profundo Taçid, era maior que a saldoria, e

a fortuna dos *Titãos*, e dos *Trajanos*; e não era maravilha que nas mãos dos mais dextros Imperantes fossem infelizes os mais florescentes Imperios.

O Muito Alto, e Poderoso Senhor D. JOÃO VI. na impossibilidade física, e moral de Sua Augusta Mãe... Ah fatal lembrança, para que me vieste agora avivar dôr sobre dôr!... MARIA em tudo Primeira, recebe lá na Eternidade este quebrado suspiro do meu reconhecimento e da minha eterna saudade!

Perdoai-me, Senhores, esta dolorosa interrupção que eu torno a tomar o negro fio do meu discurso.

O Muito Alto, e Poderoso Senhor D. JOÃO VI. na impossibilidade física, e moral, de Sua Augusta Mãe sustentou as rédeas do Governo, quando os mais experimentados Reis da Europa mal se podião ter em seus Thrones. A grande maquina social tendia a dissolver-se. As Instituições mais antigas, e mais sagradas principiavão a ser anuladas pela Filosofia do seculo. Hum terremoto universal que desde as pavorosas margens do Sena corria ás extremidades dos Pollos, abalava o Mundo politico em seus fundamentos, robustos; e Portugal a pezar da sua distancia não se podia esquivar á violencia dos torbilhões peiores do que aquelles que *Descartes* imaginou, porque no sistema politico como no Astronomico as pequenas Orbitas são feudatarias á atracção das Orbitas mais altas e dilatadas.

Em conjuncturas tão arriscadas era indispensável hum prodigo para que hum Principe novo se

tivesse com firmeza; e dignidade sobre o Throno quando do Throno cahião todos os dias Príncipes mais antigos na difícil sciencia de Reinar.

O prodigo não saltou. O Nosso Augusto Regente não duvida fazer-se pródigo em Ouro para ser escasso em o sangue da sua Nação querida. Compra a Paz, e o socego á custa de mil sacrifícios; e realisando o que era fabula em *Alcides* tapa com pão de ouro a esfaimada boca do infernal *Trifauce* da Córsega; prende-se com reciprocos, e hem ordidós laços á Grá-Bretanha; e Portugal folga contente debaixo de alegre Faia, e á sombra da pacifica Oliveira em quanto se cobrem de lucto as verdes campinas da Italia, e em quanto nos gelos do Norte ardem os incendios da guerra.

Correm os tempos... a França quer mais ouro, e o Senhor D. JOÃO VI. já não tem senão constancia. A França quer que pelos Tratados de Milan, e de Berlin se fechem os Portos á Inglaterra, e o Senhor D. JOÃO VI. quer abrir o Coração, e os Portos a todo o Mundo !!!

Tenebrosas maquinações intentão surprender o Justo, que na frase de *Isaias* he contrário ás obras da iniquidade.

Os Pyrinéos já não são montes, são planices debaixo dos pés d'aleivosia veloses a derramar sangue.

Se por meu respeito se levanta esta tormenta, exclama o Regente de Portugal, como outrora exclamou aquelle que o Senhor mandava a *Ninive*, atirai-me por esses Mares. — *Tolite me in viare*.

Em quanto em nossas invadidas, e ultrajadas

Fronteiras murmurão briosamente raivosas as sepultadas cinzas dos *Viriatos*, e dos *Sertorios* ... Lá se suspende a tenaz Ancora sobre as saudosas areias do Tejo. Lá desenrolão indignados ventos o branco linho, e lá vão nas cavernas de huma Não, como bem disse hum Politico sagaz, os innevitaveis destinos de Portugal, e do Brazil! ...

E qual outro recurso podia imaginar a Politica naquelle angustiado momento?

Afortunada Bahia encurva os teus verdes Oiteiros em cima das tuas praias: prepara as tuas flores, e os teus desvellos, o incançavel, e officioso *Saldanha*, que o Novo *Enéas* com a Augusta Prole, e os Penates preenchidos os gráos da tua latitudo, não quer navegar ávante sem te dizer hum a Deos, e sem te fazer feliz.

Ah quanta gloria então me entrou no peito; e quanta pena agora me pousa no coração!

Alli se promulga em breves dias o liberal Diploma, que franqueou o Brazil ás Nações do Universo. Diploma ao qual então chamei no Pulpito -- Evangelho de civilisação, e de Paz. -- Porém Evangelho do qual abusáraõ alguns ingratos, como os impios abusaõ do Evangelho de Deos.

Famoso Rio que tomaste o nome do Mez em que os Portuguezes te descubriraõ; e que tens hoje a fortuna de possuir hum Imperador mais capaz de te fazer ditoso do que todos os thesouros, que encerraõ as vastissimas terras de *Cabral*! Dilata a tua barra, e deixa entrar em sereno, e magestoso bordo o nunca esperado Sôberano, que vai mostrar

Sceptros, e Corôas ao Novo Mundo, que nunca vi-
ra senão os Arcos, e os Penachos dos seus antigos
Caciques.

Opulenta Cidade, que te elevas sobre as ribei-
ras do Douro: antigo Berço de Heroes a quem Mi-
nerva, e Marte engrinaldarão de immarceciveis Lou-
ros a frente altiva, e nobre! Ah não tenho tempo
de ser o Orgão do teu reconhecimento pela Regia
fundação da tua Sabia Academia. Os Alumnos il-
lustres, que tanto te hão honrado na carreira da
Marinha, do Commercio, e do Desenho sejão os
pregoeiros dos teus agradecidos tributos; e conse-
nte que o meu pensamento voando além do Atlânti-
co se occupe em outro Mundo com a Memoria
de hum Rei, para cuja Beneficencia hum só Mun-
do era pequeno Theatro.

Brazil, eu torno a volver as humidas vistas pa-
ra contemplar os teus quadros!

Alli he que vai apparecer o amplo Theatro do
Poder nunca abusivo do Monarcha, que perdemos.
Alli he que vai resplandecer a sua clemencia, e
Mansidão.

Agora falle o Brazil, que diante da sua voz não
são necessarios os cadenciados periodos do Orador.

Ah consulte-se a Historia dos Seculos, e oppa-
reça o Monarcha que tratasse huma Colónia com
tanto carinho, com tanta Munificencia, e Grandeza!

Elevado de hum salto à sublime Cathagoria de
Reino: ennobreido com todos os Tribunaes, e Ti-
tulos de huma Corte opulenta: additado com van-
tajosos Tratados d'Aliança, e de Commercio o Bra-

zil principia debaixo da Regia liberalidade do Se-
nhor D. JOÃO VI. a desenvolver os secundos Ele-
mentos da sua tão preconisada Riqueza. Estradas
abertas por sitios impérvios desde o seu descobri-
mento. Rios navegaveis por onde as siladas dos Bo-
tecudos tornavão sempre o transito impraticavel.
Nova legislacão adaptada ás circumstancias do tem-
po, e do lugar. Novas Aldéas erigidas em Villas.
Estabelecimentos protícuos: multiplicadas Cadeiras
de ensino publico em todos os ramos da instruc-
çao... ah que a memoria se fatiga ao recordar o
progressivo desenvolvimento do Brazil, quando á
Beneficente voz do seu Rei se ergueo do Berço Co-
lonial tão magestoso, como a natureza quando á
voz do Altissimo sabio do antigo Cahos!

E quaes forão as recompensas de tão repetidos
monumentos de Grandeza, e de bondade? Quaes
forão? Assim interrogava *Marco Antonio* aos Ro-
manos na Oraçao funebre de *Cesar*...

Ah, que o parallello não he exacto. Não he ex-
acto. Mas os attentados de 1817 em Olinda, e o
Recife vierão agora de improviso á minha imagina-
çao perturbada diante de tantos indicios de lucto,
e de tristeza.

Perdoa-me ó Brazil, esta lembrança odiosa. Tu
não hes responsavel do frenetico delirio de alguns
dos teus individuos; e a indignaçao que mostraste
naquelle momento te absolve aos olhos da impar-
cial Posteridade.

Assim corriam agigantados, e ledos os Destinos
do Brazil. Assim os seus Naturaes á roda de hum

Throno de ddivosa clemencia recebido honras, em pregos, e avultadas fortunas. Quando... O faetaes luzes do Seculo! Quando huma saudade justa em seu principio; mas indiscreta em seus effeitos; e o sôfrego desejo de hum melhoramento, que as mais das vezes illude a viveza da fantezia, altera o sistema da Monarquia; e com a velocidade do raio vôa para dentro dos Trópicos. Produz diversas sensações, e pensamentos diversos: sopra, e atâ incendios de Anarquia; e o Senhor D. JOÃO VI. com a brandura no Sceptro, e a firmeza no Throno torna de novo ás Ondas; e entra a foz do Tejo, apparecendo como Iris Letificante no meio da tempestade politica, que toldava os nossos ares.

Ah, que se o eloquente Bispo de Meaux tanto brilhou na Oraçâo funebre de huma Magestade Britanica, a quem ruins fados obrigaraõ a navegar algumas vezes o Canal, que separa a Inglaterra da França; que mais amplo Assumpto me oferecia agora o dilatado, e proceloso Oceano, que se estende entre os douis Mundos!

Mas eu naõ descrevo viagens: eu estou só retratando a clemencia, e a brandura. O meu Assumpto naõ carece dos adornos da Poesia.

Aqui a maõ estremece... e o pineel eseasso de coloridos só me dá sombras no Quadro!!!

Passadas as Guerras Civis, de que Roma foi o Theatro; e accalmados de huma vez os partidos, que dilaceravaõ o Imperio, quem naõ sabe que o espirito da denuncia appresentou a Cesar nos campos da Farsalia a lista dos Conjurados? E qual

foi naquelle brioso momento o animo do Dietador? Rasga com indignaçao os papeis; e exclama -- Eu antes quero ignorar os crimes, do que ver-me na precisão de castigar a ingratos...

O' Cesar! O' JOÃO VI.! Fosse qual fosse o vosso Reinado; este rasgo não vai com vosco á Sepultura. Elle he bastante para levar os vossos Nomes ás laminas da Eternidade!

Illustre, e consternada Assembléa! Nunca a reticencia da Oratoria foi tão precisa como agora para não abrir feridas que huma Mão Benéfica cerrou; e para não despertar memorias, que nunca devem lembrar. Mas eu sou chegado ao ponto em que posso desatar com maior energia, que a de *Macedonio*, o proposto no meu thema. -- *Volu*nequaquam abuti**.

E que farei? Ostentar agora o que a eloquencia tem de mais forte, e mais tocante? Não. Grandes Oradores tem havido, diz hum sabio, que se fizerão mais admiraveis por aquillo que calárão, que por aquillo que disserão. O Pulpito não he lugar de invectivas, e nos labios do Sacerdote só assenta bem a doçura.

Recordai as tristes scenas de Napolis, do Piemonte, e da Hespanha; e dizei-me senão ouvis ressoar naquelle Mausoléo pomposo as palavras caracteristicas do Rei, cujas cinzas veneramos -- Eu não abuzei do meu Poder; eu governei com espirito de clemencia, e Mansidão. Basta.

Sempre agitado dos mais violentos balanços, que fazem dasear o Sceptro, e suspirar pelo ca-

jado: escondendo sempre na purpura dissabores, que nunca se escondem no borel: perdoando sempre ingratidões; e prodigalizando benefícios: tão rodeado de sobresaltos, e afflícções sobre o Trono, como o Príncipe da Iduméa em cima do Eslerquilinio: vítima do infortunio, e da sua propria Bondade... ah! o espirito ainda era prompto; mas a carne já succumbia. O semblante ainda brilhava com assomos de serena Magestade; mas já não havia força vibratoria nas fibras do Coração. Similhante ao Sanctuário de que falla a Escriptura resplandecia por fóra; mas os desgostos lhe havião aniquilado as entranhas, e por dentro era vazio de consolação, e de vida — *intus vacuum*.

A morte esvoaçando em torno do Sólio ha muito que lhe marcava o golpe: mas a Providencia o detinha para lhe dar tempo a morrer como Fidelíssimo Filho da Igreja; e para apontar o bem escolhido Governo, que devia suprir a sua falta até as sabias resoluções do seu Augusto Herdeiro.

Entre tanto que o seu Real Coração se ocupava de tão altas, e tão importantes idéas, a morte nunca em ócio vai á Russia, e tira de lá o Pacificador da Europa; pousa em Viena d'Austria, e abala o Leito Imperial: salta de novo a Lisboa, e rouba-nos em hum momento o Módelo dos Reis Pacificos que vivêo, e morrêo amando, e perdoando. O' Rei! O' perda! O' morte!...

Assim foge a gloria do Mundo como a flôr, que a luz d'aurora esmalta, e que o raio do Sol fenece; e como a sombra, que o relampago da morte

dissipa. Sò Deus sempre antigo, e sempre novo no Throno da sua gloria vê surgir Imperios do pó, e tornar Imperios ao pó. Vê Purpuras rotas, e Sceptros despedaçados pelas mãos mirradas da morte; e Elle está sempre no mesmo ser, porque os seus annos são eternos, e os seus dias não tem sombras.

A morte he tão potente em reduzir tudo ao nada como a natureza em extrahir tudo do nada. Não ha Corôa, nem Theara que se esquive ao seu golpe: só a virtude he mais valente do que ella. O Muito Alto, e Poderoso IMPERADOR DO BRAZIL, e REI DE PORTUGAL, e ALGARVES he já vítima do seu poder; e foi pagar o fatal feudo ao seu tenebroso Imperio; mas a sua clemencia, e Mansidão vai reluzir com intenso brilho no Templo da Eternidade.

O antigo, e o novo Mundo, e o Atlantico que os separa foi o Theatro das suas amarguras, e o Theatro das suas glórias. Protegeo, e honrou as letras como *Augusto*: não deixou em toda a extensão da sua angustiada vida hum só monumento de vingança: mostrou mais horror á effusão de sangue do que á perda do Throno; e podia gloriar-se como o mais sabio dos Reis de lhe ter cahido em sorte huma alma hellá, e meiga -- *Sortitus sum animam bonam.* --

Alma immortal, que seabas de sacudir no Sepulcro o pó da mortalidade, vai reunir-te no Céo ao Grande *Affonso* que te fundou a Monarquia; e á sempre saudosa MARIA, que te ensinou a Reinar. Abençõa de lá o Teu Primogenito para que sejão mais prosperos que os Teus os Dias do Seu Rei-

nado; e para que Nelle se realize o que disse o *Psalmista* -- *Primogenitum ponam illum excelsum prae Regibus terrae.*

E nós, em vez de honrarmos a Memoria do Rei Clemente, e Pacifico com o esteril tributo das nossas lagrimas, mandemos ao Ceo ardentes votos por quem vai dar conta de si, tambem de nós naquele Tribunal Supremo, aonde se julgão os Reis, e as Justiças dos Reis -- *Justitias judicabo.* --

Acompanhemos com nossas supplicas a Hostia Propiciatoria, que se immolou no Altar pelo descanço eterno, e pela perpetua luz do Rei a quem deploramos; e roguemos incessantemente ao Senhor, como *David*, que se lembre da sua mansidão -- *Memento Domine David, et omnis mansuetudinis ejus.* que lhe dê no seu Tribunal hum Juizo de compaixão, e clemencia. -- *Deus judicium tuum Regi dā.* -- e que dê ao seu inclito Filho hum Espírito de Justiça cheia de Afabilidade, e brandura como a Justiça do Ceo. -- *Et justiam tuam filio Regis.* -- O Ceo lhe seja propicio, e a terra lhe seja leve.

Requiescat in pace.

Amen.

